Anno 15.º — Sabado, 28 de Outubro de 1922 — N.º 749

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO DE AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE DA EMPREZA
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Tip. «Progresso» a electricidade—Largo Luiz de Camões – AVEIRO.

Redacção e Administração
R. Miguel Bombarda, n.º 21
AVEIRO

Conversando

—(:)—(:)—

O sr. dr. Trindade Coelho é um jornalista de merito que marca entre os escritores portuguêses e se salienta pelo desassombro com que se exprime, falando a linguagem da verdade e pondo sempre nos seus artigos a nota patriotica de quem deseja ver o país noutras condições diferentes daquelas que atravessa por causa dos maus govêrnos que tem tido. As sua criticas são judiciosas e por isso tudo que escreve cala fundo no espirito dos que o lêem e é motivo de ponderação por parte daqueles que seguem a par e passo a vida da nação, interessando-se por ela.

Um pequeno trecho do que, á guisa de conversa com Cunha Leal, vem na *Patria*, um dos mais cotados diarios de Lisboa e pelo qual os nossos leitores ajuizarão tambem do que se passa, tal a clarêsa notada em todas as linhas do seu primoroso artigo:

.....Melhor do que eu, conhece o sr. Cunha Leal a situação do país: de um lado a *massa inerte:* os explorados; do outro, as *élites desvairadas:* os exploradores. Estamos dentro de *fenomenos transitorios?* Sem duvida. São os mesmos fenomenos que, na relatividade dos homens e dos tempos, Taine descreve ao analisar o estado da França nos prodromos da sua grande convulsão: egoismo, ganancia, dissilução de costumes, aviltamento de caracteres, ruina de lares, *incompetencia e descrença gerais.* Estes *fenomenos transitorios,* porém, tendem a *estabilizar-se* desde que, num país, falhe a ultima força, a ultima instituição, o ultimo homem capaz de o galvanizar e de o salvar. E não se galvaniza; e não se salva um país, pedindo a este país, simplesmente e rudemente—*que se salve.* As massas, como as nossas, são rebanhos submissos de homens. E todo o rebanho, sem pastor, se baralha e se perde. Ha muito tempo que este país necessita de *um pastor.* Ou por melhores palavras: necessita de *um grupo de homens* que o orientem e o curem. Existem estes homens? Existem. São muitos ou são poucos? Ignoro-o. Sei apenas que são os *precisos.* Porque não governam eles, então? Porque a *mentira constitucional,* ou antes, porque a *ficção dos partidos,* criminosamente se tem oposto a que eles governem.

***

Na vida actual—tal como ela é e tal como ela ha-de ser—eu não posso pôr de parte nem as *realidades de momento* nem a *visão do conjunto.* Não posso pôr de parte, por consequencia, os tais *interesses criados* a que acima aludi, e que no proprio seio dos governos, muitas vezes obstam á moralisação dos costumes. Sim: eu não ignoro que as classes não têm *moral:* tem *interesses.* Mas não ignoro, tambem, que o papel dos governos é tornar esses interesses *compatíveis.* E quem diz *compatíveis,* diz *comportaveis.* Em face do *xadrês politico*—esmagadora preponderancia de um partido sobre os outros partidos, no Parlamento e portanto no poder—a formula do sr. Cunha Leal só seria possivel se o partido democratico, na consciencia da hora terrivel que passa, voluntaria e lealmente deixasse governar *outros partidos* e *outros homens.* Mas não deixa.

E não tendo deixado até aqui, muito menos o deixará agora. Porquê? Porque o *partido democratico,* antes de se haver com os *inimigos de fóra,* tem de haver-se com os *inimigos de dentro.* E os inimigos de dentro—são os *extremistas* do partido democratico, ou, se o preferirem, os elementos que provocaram e desencadearam o *19 de Outubro.*

O sr. presidente do Ministerio, conhece-os bem. Conhece-os até por um doloroso saber de experiencia feito. E' esta *posição de defêsa* do partido democratico que origina o *ambiente revolucionario.* E então?—perguntar-me-há o sr. Cunha Leal. E então, respondo eu ao sr. Cunha Leal, continuo na minha fórmula, que não é bem a de S. Ex.ª: *isto* tem de chegar ao *fim.* Porque, só no fim, acordaremos todos: *reprobos* e *senhores.* Nem artigos, nem discursos, nem conselhos, nem movimentos, nem programas, nem elixires de salvaterio catita. O fim, é que ha de rodar, baralhar, escolher—e salvar. *O principio das nacionalidades,* cimentado pela Revolução, pelo Imperio e pelo antigo Estado prussiano, acabou com as pequenas lutas dinasticas mobilisando, através das nações militarmente organizadas, formidaveis legiões de homens.

Estatismo, centralisação, democracia, são hoje termos equivalentes. E' lêr Roosevelt, Wilson, Dysis e Foch. Quer dizer: desaparecidos do velho mundo os *valores morais,* surgiram, em vez d'eles, os *valores militares.* Eles serão nosso *aviso.* A bem ou a mal, teremos que *engrenar.* Ou nos *blócos das nações,* ou, mais tarde, nos *blócos das raças.* Quando *engrenaremos* porêm? Deixo a resposta a um futuro proximo. Dizia-me Junqueiro, ha mezes, que um cavalo fogoso não se domina lendo-se-lhe um tratado de equitação. Sinceros votos faço por que o sr. Cunha Leal chegue á conclusão de que os partidos faliram; e de que só fóra deles os *homens bons* desta terra poderão congregar os ultimos esforços no sentido de estarem prevenidos e preparados quando soar a hora—das *consciencias despertas,* que nada têm que vêr—com as *conveniencias espertas.* De resto, o paíz tem trabalhado como nunca trabalhou, quer no comercio, quer na agricultura, quer na industria, e o resultado é o que o sr. Cunha Leal está vendo.

Trindade Coelho.

OS AVIADORES

Sacadura Cabral e Gago Coutinho chegaram na quinta-feira a Lisboa, tendo as manifestações em sua honra atingido o delirio apenas atracaram ao caes das colunas.

Muito nos congratulamos que os heroes portuguêses tivessem recebido essa merecida homenagem, tão alto elevaram no seu hidro-avião o nome lusitano.

UM CONCLAVE DEMOCRATICO

No primeiro escrutinio são votados tres papas

A multidão, nas ruas, espera ver o esfumato branco, que não aparece

No passado domingo, logo de manhã cêdo, notaram-se na cidade caras novas que imediatamente convenciam de que alguma coisa se ia passar na politica indigena. Eram os *cardeaes* que de diversos pontos, acudiam á chamada para a eleição do *Papa,* que deve chefiar a igreja democratica no districto.

Apareceram caras bôas, mesmo muitos bôas, havendo um curioso de merecimento que as focou para se não perderem e surgirem á luz na primeira oportunidade.

Vinha presidir ao *conclave* uma das mais celebres figuras do norte que ha pouco se imortalizou no Porto numa questão de posse arbitraria e violenta dum escritorio e casa dum falecido notario.

Como houvesse, porêm, grande demora na sua chegada, principiou de reinar um certo receio e ansiedade no espirito dos eleitores, entre os quaes um, dos mais interessados, mandou emissario a casa duma conhecida vidente e... bebeda, que declarou *ser certa a reunião do conclave, mas que as cartas davam uma traição urdida por um falso amigo do consultante!*

Este ficou da côr das tristes ervas do monte...

Afinal, chegou a hora—hora solene, hora tragica—póde-se assim chamar porque seriam jogados os destinos dos homens, definidas aspirações eternas, sonhos de sempre, fantasias, vertigens produzidas nas calculadas passagens por essas ruas entre louros e palmas, no carro triunfal da Victoria, por o qual tanta metamorfose se tem operado, tanta scena edificante se tem engendrado!

O salão nobre, junto á capela *fedentina,* enche-se. O aspecto é imponente, feerico. Scintilam as pedras preciosas, as purpuras e queimam-se algumas pontas de cigarro. Abre-se a sessão e a eminencia que preside não pede o faisão, mas três Ave-Marias para iluminação dos espiritos presentes que não puderam, por falta de tempo, recebel-a directamente do Espirito Santo...

O cardeal Costine Ferreireto, bispo de Meliapor e deão de Oliveira do Bairro, irrompe, exaltado.

Acorda afrontas recebidas, que o seu sexo não pode desculpar.

Faz a apologia do bolquevismo e préga a revolta ao auditorio, parte do qual se persigna e abre os breviarios...

Alguns presentes ajoelham e fitam, com os braços erguidos, o firmamento, mas são prontamente informados de que tudo foi previsto, até mesmo para anular a colera do Senhor. Não haveria raio que os partisse!

Faz-se um silencio sepulcral.

Fala agora o presidente que a custo venceu o *torpôr espirictual* causado pela desregrada atitude do orador antecedente numa sessão daquela imponencia e importancia.

A sua voz é adocicada e torna-se dificil, não vendo a figura, distinguir se é de mulher se de homem... Lembrâmo-nos da papisa Joana e estivemos quasi a pedir a prova: *em magna quantidade...*

Ouve-se então uma censura branda ás investidas anteriores A atitude da iminencia era condenavel, brigando com todos os preceitos religiosos; havia chefes supremos a respeitar; o *conclave* não era para alusões irritantes e indelicadas, mas sim para a eleição do *papa,* antes das eleições administrativas, que estão á porta, acto da maior transcendencia e importancia para a igreja de que todos fazem parte, que precisava, neste distrito, de um pastor supremo. A hora era de provações e sacrificios—*ad majorem Dei gloria*—por isso ele ali estava.

Fala depois o cardeal Andrézini, arcebispo d'Ostia e deão do Rocio.

Com o seu calor de sempre e verbo inflamado, declara que toda aquela situação vinha da intriga que se fizera em volta do ministro da Instrução e do governo por motivo da sindicancia ao Museu! Havia mais dum compromeitdo, a opinião publica apontava-os, mas o sindicante só unicamente via o director. Foi isso que as comissões pretenderam esclarecer.

Lembra o seu amor ao rigimen, não deixando os seus creditos de republicano historico por mãos alheias.

Segue-se no uso da palavra o cardeal Vilarisiti, bispo de Carmelengo e de Vila Nova de Gaia. Excitado, conta do resultado do seu encargo que penosamente aceitou para esclarecer a situação junto do ministro. A's primeiras palavras este perguntou-lhe:

—Mas v. vem proteger gatunos?

Uma voz:

—Ele talvez fosse capaz de o fazer... (murmurios prolongados).

O orador, continuando: 'Por minha vez perguntei se a minha honestidade tal permitiria. S. ex.ª reconheceu que não e poude assim chegar ao fim da minha missão, Andei depois pelos *passos perdidos,* perdendo passos em procura dos representantes do districto aos quaes informei do que havia. Julga preciso, para se sair dali tendo feito alguma cousa, proceder-se á votação para a escolha do novo chefe do districto. Ha episodios, declarações, etc., antes do acto, levando o cardeal Andrézini a sua abnegação a esclarecer que se o seu nome cauza embaraços, pede que o retirem. Por fim chega-se ao seguinte resultado:

Cardeal Baratizine (ausente)....... 10 votos
Cardeal Vilarisite..... 5 »
Cardeal Andrézine..... 4 »

Erguem-se os vivas do estilo: ao *Sacro Colegio,* ao *Vaticano,* á... Republica e enquanto o pano desce lentamente o *cardeal* Andrézine recita:

Afinal.
Foi este sonho, ao morrer,
que me fiz cardeal!
E servirei agora aquele, aquele
que me enganou...

Os companheiros trocando um malicioso sorriso, enquanto soam horas no carrilhão da *capela fedentina:*

Foi ele, de nós três, o unico
que acreditou!

Films...

O ORGÃO das comissões politicas do P. R. P., como temos eleições á porta, começa no seu n.º 32 a censurar a administração camararia, atribuindo-lhe esbanjamentos de dinheiro e actos taes de incompetencia e desleixo, que anda aí tudo abismado, comparando-os com os das vereações transactas...

O que nem todos sabem, porêm, é a causa determinante da atitude do orgão. Não são só as eleições, não. Pelo visto, é isso e mais alguma coisa. A *organisação* dum canil para onde sejam levados os cães que se encontram por essas ruas, lembrança do orgão ao sr. presidente da Camara, deve, em parte, justificar a campanha, se campanha se póde chamar áquela miseria.

Se fossemos o dr. Lourenço Peixinho faziamos a vontade aos do orgão: mandavamos construir o canil e sempre os queriamos vêr depois...

Ficava tudo arrumado...

O *CAMALEÃO,* esse, acha que á frente do municipio está uma vereação que não deve de todo ser tomada em pouca conta pelas oposições, sendo de parecer mesmo que convem entrar num entendimento com ela, pois a cidade veria bem isso e no animo de todos os que se interessam pelos melhoramentos locaes essa ideia seria bem recebida.

Vão lá entender os correligionarios.

E toda esta divergencia, se calhar, por causa do canil...

Antonio Candido

Deixou de existir na sua aldeia de Candomil, proximo á serra de Marão, concelho de Amarante, o primeiro orador da nossa raça, a quem tambem chamavam *o principe da oratoria portuguêsa.*

Era um cidadão exemplar, tendo-se evidenciado na tribuna sagrada, na categra como na politica sempre com aprumo e patriotismo.

A primeira prova

Dos jornaes, secção parlamentar:

O sr. ministro dos Estrangeiros diz que é do seu dever dizer o que foi a viagem presidencial.

Diz que a Camara o honrou, escolhendo-o para acompanhar o Chefe do Estado. Honra-se disso e afirma que a Patria portuguesa foi saudada no Brazil com todas as provas de carinho e afecto.

Relata em seguida a viagem, mas fal-o no meio da indiferença da Camara e á tal ponto que o sr. Hermano de Medeiros protesta contra a desatenção dada ao ministro pelos colegas presentes.

Vai sem comentarios, que, por certo, apagariam o brilho desta expressiva e significativa prova de simpatia por tão *ilustre homem publico.*

Serviço de farmaceutico

Encontra-se ámanhã aberta a Farmacia Brito

Notas mundanas

Realisou-se no Porto o casamento da sr.ª D. Rosa Branca de Faria e Melo (Cadóro) com o sr. José Luiz Archer, tendo o acto sido testemunhado, por parte da noiva, por sua avó a sr.ª D. Maria Beatriz de Carvalho e Silva e tio o sr. Alberto de Carvalho e Silva; e pelo noivo, por sua irmã, a sr.ª condessa de Agueda e o sr. Augusto José da Silva.

Os noivos partiram para a Quinta da Bolonha, na Povoa de Santa Iria, onde passarão a lua de mel.

= Esteve de cama por motivo duma infecção o considerado clinico aveirense sr. dr. Eugenio Couceiro, que, felizmente, já se encontra quasi restabelecido.

= Tem estado gravemente enferma a filhinha do sr. José Teixeira da Costa.

= Seguiu para a costa Oriental o nosso conterraneo Jeronimo Peixinho, oficial da marinha mercante a quem desejâmos feliz viagem e muita fortuna.

= Deu á luz uma creança do sexo masculino a esposa do sr. dr. Justino Simões, medico da armada.

= Regressou da Costa Nova com sua familia a sr.ª D. Regina Miranda.

= Depois de ter passado a estação calmosa na sua casa de Cacia regressou a Coimbra o nosso amigo sr. João Simões de Pinho.

= Partiu para Lisboa onde se demorará algum tempo, o sr. Antonio Francisco Bingre, de Oliveira de Azemeis.

= Regressou com sua esposa a esta cidade, reassumindo as suas funções de presidente do tribunal da comarca, o sr. Visconde de Olivã.

Bacalhoeiros

Da esquadrilha que daqui seguiu para a pesca do bacalhau, nos bancos da Terra Nova, acham-se já ancorados na nossa ria os lugres *Argonauta 1.º* e *Argonauta 2.º* da Sociedade de Navegação Argonauta, L.da; lugres *Silvina* e *Ernani*, da Empreza de Navegação e Exploração de Pesca; lugres *Ilhavense*, de Antonio José dos Santos e *Navegante* de Ribaus, L.da e o patacho *Duarte*, da firma Sardo, Calheiros & C.ª, L.da.

Os lugres *Argonauta 2.º* e *Silvina* trouxeram carga completa, não sucedendo, porêm, o mesmo aos outros barcos.

Parece que o *fiel amigo* se recusou formalmente a ser o tradicional companheiro do verdasco lusitano.

JOÃO ROSA

Passa no dia 30 o quinto aniversario da morte de João Augusto Rosa um dos republicanos de Aveiro mais perseguidos, mas, como Bernardo Torres, lançado ao pó do esquecimento onde jazem os restos do seu cadaver.

Curvâmo-nos ante a campa desse bom amigo e leal companheiro.

VENDAVAL

Apezar de não termos entrado ainda nos rigores do inverno o tempo na semana finda modificou-se imenso, principalmente no sabado, em que, para os lados da Sé, chegou a haver panico causado pela grossa saraivada e forte *vendaval* que açoitou aqueles sitios.

Uma *pereira* da casa que pertenceu ao velho marinheiro Luiz Moreira, caiu em *cruz*, fenomeno que muita gente examinou com verdadeira admiração.

UM QUADRO TRISTE

O' almas caridosas e compassivas, atendei:

Maria Fartura é uma viuva que mora ali para os lados da Fonte Nova, mãe de tres filhos o mais novo dos quaes com três anos apenas, tendo além disso um paralitico. Endoideceu. E da sua terrivel doença resultou o abandono dos pobres creancinhas e, ipso-facto, o amanho da sua casa. Mas como se esta infelicidade fosse pequena, a Maria Fartura encontra-se gravida e o homem que com ela ultimamente vivia abandonou-a, não deixando, porêm, de levar, como lembrança da grandesa do seu amor, umas cautelas de penhores dos unicos objectos de relativo valor de que a desgraçada se tinha valido em horas de negras infelicidades.

A visinhança encontra-se cançada dos auxilios prestados á pobre demente, a quem acode nos momentos de maior desatino, e cançada tambem por que não pode alimentar toda essa desventurada familia, que vive sem pão, sem lume e sem cama!

Como se vê, uma calamidade a que urge acudir sem perda de tempo.

Primeiro que tudo, dirigimonos ás autoridades, principalmente ao sr. governador civil para que do cofre da beneficiencia saia o suficiente para mitigar a fome a esses desventurados enquanto lhes não seja dado destino conveniente e em harmonia com a sua situação. Não devem ser para outra coisa os fundos acomulados na repartição, que, todavia, ás vezes, se regateam, dificultando pequenos auxilios a quantos deles carecem ou estejam em circunstancias de os receber.

Em segundo logar, para a gente bondosa da nossa terra apelâmos tambem.

Trata-se dum caso, unico talvez, pelo que de pavoroso representa para os que nele se acham envolvidos.

E' a fome, que implora á piedade cristã o seu olhar misericordioso para amparo da vida. A fome, com todo o seu cortejo de horrores; a fome inimiga da virtude; a fome, que transforma os lares em prostibulos, a honra, num farrapo, atirando-a pela janela fóra ás primeiras manifestações que revelem ameaçadora ou denunciem o mais leve sintoma de calamitosos dias.

O' almas caridosas e compassivas de Aveiro: ide deixar uma esmola ao tugurio onde seres humanos se debatem com a miseria e por via dela e da doença sofrem as agruras duma vida cheia de privações, pejada de toda a sorte de infelicidades!

Ide. Que a Providencia compensará devidamente o bem que praticardes, socorrendo, sem tardança, os pobres para quem solicitamos a vossa atenção.

LICEU DE AVEIRO

A frequencia deste estabelecimento de ensino é, no ano lectivo agora iniciado, de 372 alunos, por onde se vê que continua a ter a preferencia dos que se dedicam ás letras.

Exposição de chapeus

Como nas estações anteriores, é esperada proximamente nesta cidade a sr.ª D. Ana Teixeira da Costa, que na rua da Estação n.º 90 fará a sua costumada e magnifica exposição de chapeus para senhora, figurando os mais recentes modelos.

A exposição terá logar desde 5 a 10 de novembro proximo.

O Democrata vende-se no kiosque Raposo, Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Governador civil

Foi nomeado e assumiu, na quinta-feira, a chefia do districto, o sr. Jaime de Andrade Vilares, cuja posse foi assistida por alguns correligionarios e o costumado elemento oficial que, imperturbavel, ouviu os discursos da ordem, seguindo-se a assinatura do termo, os cumprimentos e, por fim, a debandada.

O resto, porêm, estava para vir. Cêrca das 21 horas uma filarmonica, acompanhada de alguns individuos, em *manifestação expontanea*, dirigiu-se ao *Hotel Aveirense* á janela da qual apareceu outro grupo envolto na escuridão da noite. Calam-se os instrumentos e uma voz conhecida começa de arengar ás massas (não confundir com dinheiro) salientando o *brilho* e a *importancia* daquela manifestação. Era o sr. Barata. E era ele, pela certa, porque dois dedicados amigos se lembraram de o alumiar cada um com a sua vela acêsa na mão, dando-lhe o aspecto dum Santo Antoninho a prégar aos peixinhos... O orador terminou, despedindo-se do *povo republicano* e afirmando que nunca fez mal a ninguem.

Como não podia deixar de ser, o sr. dr. André dos Reis, ora tambem. Dá os parabens aos ouvintes por terem um homem ás direitas no governo civil. Lembra que foi fundado um grupo denominado regionalista, mas que apezar das suas promessas e programa nada conseguiu para esta terra ao contrario do que vai suceder com a nova autoridade, que está disposta a interessar-se pelos melhoramentos materiais da região.

Depois, depois fala o sr. José Domingues dos Santos que diz ser do norte e estar ás ordens —sem recompensa de qualquer especie—para advogar os interesses e necessidades deste povo, ele, que tambem do povo viera. Enaltece a moralidade e honradez dos homens do regimen—nesta altura o silencio fez-se tão profundo e tão significativo que a muitos mirones chegou a causar calafrios—e termina para dar logar ao discurso do Faustino que, numa inspiração verdadeiramente assombrosa, entusiastica e *farnetica*, arranca aplausos *delirantes*, obrigando a musica a atacar com toda a força as notas sonoras da *Portuguesa*... doutros tempos.

Fecha o ciclo da oratoria nocturna o sr. governador civil. Espera encontrar facilidades para a sua obra que será unicamente republicana para o que promete todos os dias ir ao seu gabinete aguardar as reclamações e as queixas dos republicanos que forem espesinhados...

E acabou-se a festa. Acabou-se, não. Porquê para a *gare* do caminho de ferro se dirigiram todos ao bóta-fóra dos que partiam sem que Aveiro lhes pudesse enchugar o pranto, agradecida e deveras saudosa...

O que se passou na estação
Foi de cortar o coração...

dizem-nos.

Como tudo isto é triste!

O Museu

Sabemos que deve ficar concluida por toda a semana proxima a sindicancia ao director do Museu e que este já foi substituido pelo sr. José Pereira Tavares, que entrou imediatamente em exercicio.

Para juizo foram mandados os autos por onde se provam algumas das muitas ladroeiras de Marques Gomes, sendo com verdadeira ansiedade que se espera o relatorio onde Silverio Junior, com a imparcialidade que o caracterisa e sem pressões de qualquer especie, dirá da sua justiça, pondo assim termo á missão que aqui o trouxe.

Por Oliveira de Azemeis

DE LANTERNA EM FOCO

VII

O sr. Horacio de Jesus Ribeiro, o "menino Jesus", no altar do sr. dr. Juiz

(Continuação)

Já não era só o tilintar das espadas que se moviam das arrogantes juntas militares: era tambem a prepotencia dum libertino e vaidoso que se sonhou um predestinado, um Kaiser invencivel. Já não era apenas escorraçar os republicanos firmes dos logares de confiança e força: eram tambem os gritos de dôr, abafados por casca grossa de sarcasmo, que dos diferentes Edens explodiam, ecoando por montes e vales em supplicas de defeza e união republicanas.

Já não era sómente o sangue dos indefectiveis republicanos que salpicava as paredes das inquisições desses sidonistas: eram tambem as lagrimas das victimas da devassidão desses canibaes, os crépes de tantos corações inconsolaveis, a palidez de tanta orfandade.

Era uma época de verdadeiro terror em que os republicanos eram considerados como reprobos, em que falar na Republica, enaltecendo-lhe as suas virtudes sociaes, era maltratar os que tinham jurado pela sua honra defender as instituições vigentes.

O absurdo, o assalto e o massacre eram a triologia dessa seita de profanadores dos sacrarios das familias, dessa quadrilha dos bens particulares e nacionaes, dessa alcateia faminta, dessa corja de traidores.

Uma onda de sangue de martires ensopava muitos lares; mas nela se retemperaram energias, se enervaram vontades, se dessiparam descrenças. Muitos desiludidos de olhos marejados vi eu voltarem á luta animados da mesma fé ardente dos tempos idos, combatendo com o mesmo denodo, cantando o mesmo amor.

Ingratidões, odios, vinganças, inimigos, sacrificios, tudo, tudo esqueciam para com o mesmo carinho, a mesma abnegação, franqueza e lealdade se unir, como verdadeiros apostolos, na defeza da Republica, ideal que jámais deixará de acalentar a alma daqueles que um dia, em ferverosa oração, ajoelharam no altar sacrosanto da Patria, comungando em santidade. Enquanto que nos corações dos sinceros republicanos se purificava o amor nas lagrimas escaldiçantes do arrependimento, os falsos correligionarios, ainda de boca untada com a ultima iguaria, com o ultimo presente, rastejavam aos pés dos traidores, implorando-lhes protecção, oferecendo-lhes os seus serviços, levando ao cacete os seus inimigos pessoaes, denunciando os seus companheiros e amigos de horas antes. Enquanto que os pequenos, a escumalha, praticavam actos de heroismo e nobreza, os dirigentes, os grandes, os salvadores, os messias mergulhavam no charco da ignominia. Era a honra e a virtude defrontando a cobardia e o oprobrio.

Foi, na realidade, um periodo de sacrificio e morte; mas tambem houve uma manhã de esperanças, um rejuvenescimento de crenças, um arroubamento de fé, um esplendor de gloria.

Jámais se apagará do meu cerebro esse horroroso quadro de degradação, de infamia, salpicado de constelação de heroismo, de estoicidade.

Foi nesse tempo que o vaticinio do velho republicano se realisou; foi então que o *menino Jesus*, arrancando a mascara e dilacerando-se, mostrou o seu caracter e patenteou na mais completa nudez a sua sentimentalidade.

* * *

Na terra natal do *menino Jesus*, tradicional baluarte das liberdades sociaes, foi reimplantada a monarquia. Nos edificios publicos drapeja a bandeira azul e branca. Pelas ruas desfilam tropas á mistura com caceteiros. Os vivas ao rei entoam. Os gritos de dôr redobram nas inquisições. Manietada a Republica, a traição vence e nas almas, que nunca vibraram em crença sentida por um ideal, estabelece-se a convicção de que a monarquia em Portugal era um facto. Os republicanos da provincia, isolados, recebendo apenas o boato falso e inimigo despejado pelas bocas dos traidores, abandonam os seus lares, correm polos montes, procurando um abrigo, um esconderijo. Farejando o seu poiso, atarefados, rodopiam os trauliteiros, roendo-se quando não encontram um republicano para lhe amolgar o craneo ou *tirar-lhe o pio*, provas indispensaveis da sua honorabilidade, requisitos necessarios para se amesendarem á gamela farta da nação ou para se alcandorarem em logares de destaque. A caça ao velho e sincero republicano é a preocupação primordial desses bandoleiros. Não fugir, não se esconder é uma perfeita doidice, pois a desproporcional resistencia só serviria para nas fileiras republicanas se abater mais um soldado fiel, para nos nossos corações caír mais uma eterna saudade.

Pois o *menino Jesus* não fugiu; ficou e com a mais natural serenidade viu chegar os trauliteiros, os ferozes inimigos dos republicanos. Ficou no exercicio do seu cargo e não houve nenhum monarquico que tentasse contra a sua pessoa, antes, pelo contrario, foi o seu companheiro e cicerone. No *menino Jesus* depositavam toda a confiança. E não era para espantar, porque, a bem da causa realista, tambem combatiam pela santa religião. E o *menino*, sentindo-se adorado em casa de familia, emparelhou com os novos senhores, afretando carros para acompanhar os oficiais monarquicos ás linhas do Pinheiro da Bemposta, falando com os soldados a quem incutia coragem e destribuia cigarros.

Foi uma autentica adesão ao movimento, iniciando a série dos sacrifios.

Para não perder tempo e para que outro colega não lhe adeantasse o passo, anichando-se primeiro, pensou na gamela, eterno destino dos sem-vergonha, e foi bater á porta do sr. dr. Amador Valente, chefe monarquico local, implorando-lhe protecção e favor de o conservar no seu oficio, choromingando a cèga-réga do mendigo impostor. Era de mais conhecido no solarengo portal da monarquia de Cidacos. Não foi atendido. O desanimo, porém, não o acabrunhou. A esperança apontou-lhe o caminho da victoria, segredando-lhe a porta do sr. dr. Paulo de Almeida, outro logar-tenente da monarquia. Obedeceu quasi com a certeza de ser favorecido, apoucando a importancia do antecedente. E' o velho habito do saltibanco politico quando não é satisfeita a sua voracidade. Foi e chamou. Ainda os ultimos retinidos não se tinham apagado e já o *menino Jesus* ajoelhava aos pés do sr. dr. Paulo que, comovido, escreveu ao sr. Conde de Agueda, patrocinando a pretensão. Ao ouvir o conteúdo da carta, o *menino* rejubilou. Foi, porêm, efemero o seu contentamento; o sr. Conde conhecia já o tipo. Na resposta ao sr. dr. Paulo de Almeida, este titular dizia que não podia atender o pedido, porque de sobra conhecia o recomendado e porque devia ter soado a hora de não proteger pantomineiros.

* * *

Alguem ha-de me acudir, é a filosofia do *menino Jesus*. E efectivamente alguem lhe acudiu em breve, aliviando-o de embaraços e melhorando-lhe a situação. Foi primeiramente a derrota dos monarquicos e depois a protecção dos republicanos. Parece incrivel mas é verdade: foram republicanos que protegeram, depois da Traulitania, o *menino Jesus!*

Se não o soubera, havia pensado que se tratava duma mancebia de ápaches.

Parece resoar aos meus ouvidos:

Quanto mais me bates
mais gosto de ti.

Lopes d'Oliveira.
(Médico)

NECROLOGIA

Victimado por uma lesão cardiaca de que ha muito sofria, sucumbiu no sabado preterito o nosso conterraneo sr. João da Silva Pereira, sogro do conceituado clinico sr. dr. Francisco Soares.

Trabalhador e honrado, labutou largos anos pelas terras de Santa Cruz, onde grangeou avultados meios de fortuna, auxiliado pela inteligencia de que era dotado, fortuna, porém, que os seus antigos padecimentos não permitiram gosar em toda a plenitude.

O seu funeral teve um selecta concorrencia, conduzindo a chave do feretro o sr. dr. Jaime Duarte Silva.

A seu irmão, sr. Armando da Silva Pereira e genro, bem como á de mais familia enlutada, o nosso cartão de condolencias.

* * *

Em Anadia faleceu, após doloroso sofrimento, o sr. Joaquim de Almeida Paulo, escrivão de direito na comarca da Guarda, mas natural da Pocariça.

Funcionario zeloso e cumpridor dos seus deveres, a noticia do prematuro e inesperado passamento de Joaquim Paulo aviva no nosso espirito os dias felizes que, ha anos, passámos juntos, na Costa Nova, sendo, por isso, com a maior saudade que o vêmos partir para a longa viagem donde se não volta mais, ainda na plenitude da vida e quando os seus tanto dele careciam como marido estremoso e pae amantissimo.

Os nossos sentidos pêsames.

* * *

Egualmente se finou a sr.ª D. Laura Soares da Costa Neves, filha do sr. Antonio da Costa Neves, correspondente bancario em Macieira de Cambra e esposa do sr. Antonio de Almeida Costa, negociante em S. João da Madeira.

Contava 21 anos, apenas.